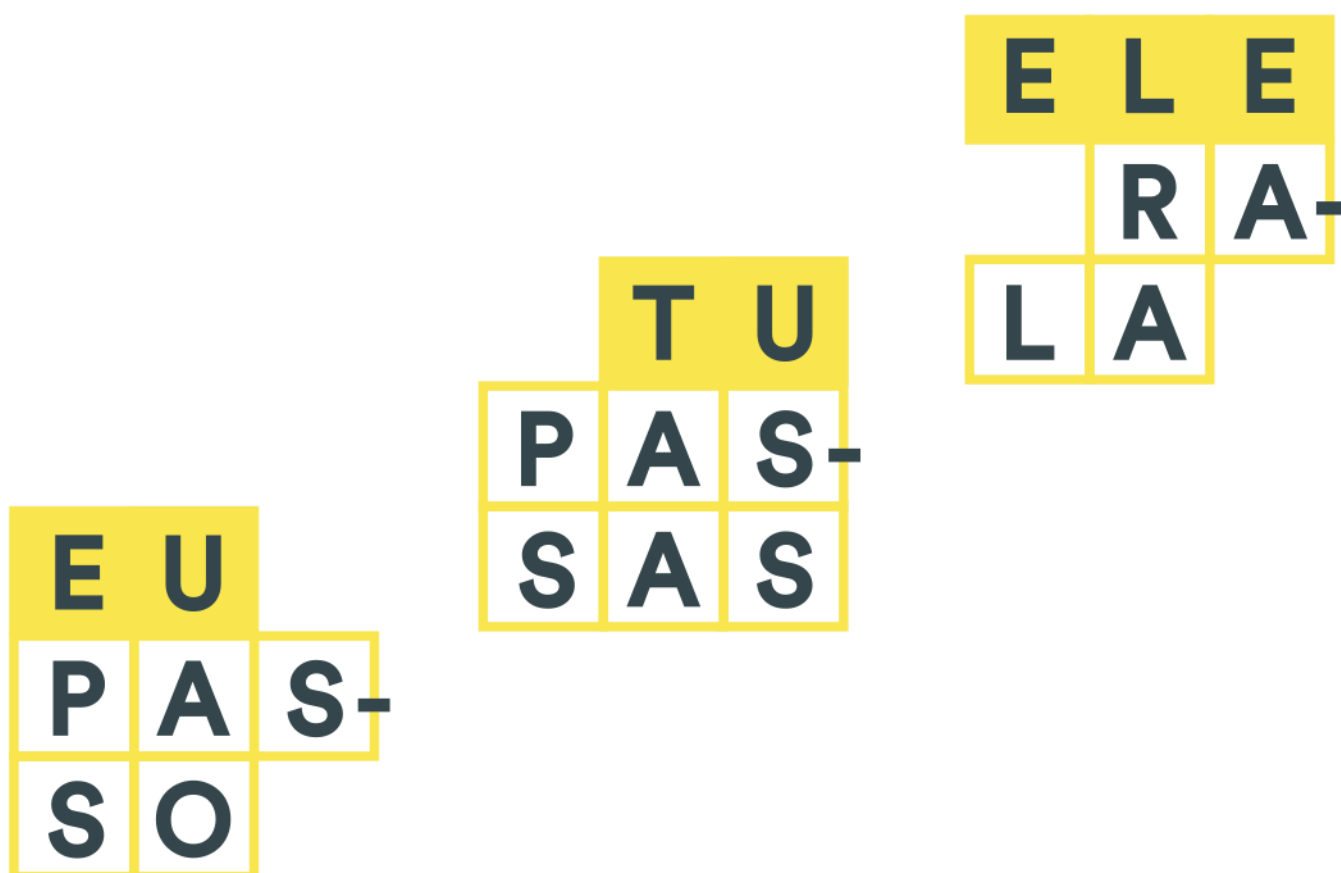
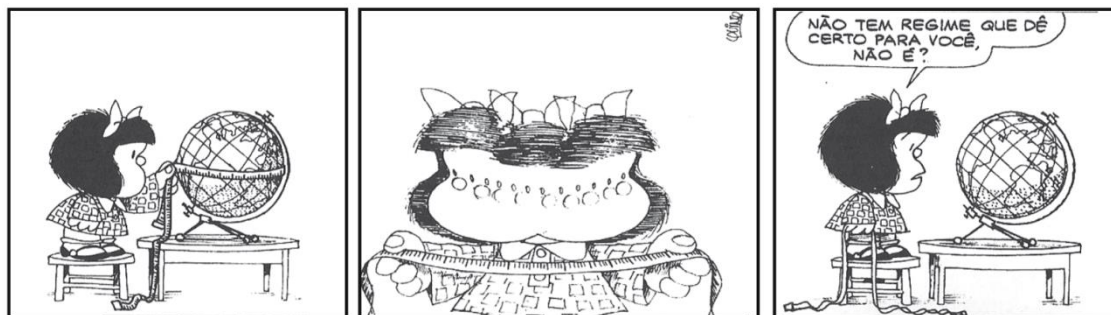


# *Exercícios Gerais: Resolução de Questões Inéditas Modelo ENEM*



## Exercícios Gerais: Resolução de Questões Inéditas Modelo ENEM

1.



(QUINO, Toda Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 194)

Na tirinha, a personagem Mafalda apresenta um ponto de vista sobre o mundo, que pode ser percebido pela combinação de recursos verbais e não verbais. Além disso, para compreender o efeito de sentido, é necessário

- a) associar a crítica da personagem à problemática da má alimentação mundial.
- b) entender a ironia na fala da personagem.
- c) perceber o caráter polissêmico da palavra “regime”.
- d) compreender a ambiguidade causada pelo vocábulo “certo”.
- e) constatar a metáfora que a imagem do globo representa.

2.

### NOITE DE AUTÓGRAFOS

Ivan Ângelo

A leitora, vistosa, usando óculos escuros num ambiente em que não eram necessários, se posta diante do autor sentado do outro lado da mesa de autógrafos e estende-lhe o livro, junto com uma pergunta:

— O que é crônica?

O escritor considera responder com a célebre tirada de Rubem Braga, “se não é aguda, é crônica”, mas se contém, temendo que ela não goste da brincadeira. (...) Responde com aquele jeito de quem falou disso algumas vezes:

— É um texto de escritor, necessariamente de escritor, não de jornalista, que a imprensa usa para pôr um pouco de lirismo, de leveza e de emoção no meio daquelas páginas e páginas de

dados objetivos, informações, gráficos, notícias... É coisa efêmera: jornal dura um dia, revista dura uma semana.

Já se prepara para escrever a dedicatória e ela volta a perguntar:

— E o livro de crônicas, então?

Ele olha a fila, constrangido. Escreve algo brevíssimo, assina e devolve o livro à leitora (...). Ela recebe o volume e não se vai, esperando a resposta. Ele abrevia, irônico:

— É a crônica tentando escapar da reciclagem do papel. Ela fica com ambição de estante, pretensiosa, quer status literário. Ou então pretensioso é o autor, que acha que ela merece ser salva e promovida. (...)

— Mais respeito. A crônica é a nossa última reserva de estilo.

(Veja São Paulo, São Paulo, 25/07/2012, p. 170.)

\*efêmero: de pouca duração; passageiro, transitório.

Uma das características do gênero textual crônica é a sua efemeridade, isto é, o caráter passageiro. No texto, há uma contradição em relação a essa característica, que pode ser percebida em

- a) “— O que é crônica?”.
- b) “se não é aguda, é crônica”.
- c) “É coisa efêmera: jornal dura um dia, revista dura uma semana”.
- d) “— E o livro de crônicas, então?”.
- e) “— É um texto de escritor, necessariamente de escritor, não de jornalista (...)”.

3.



A língua é um elemento vivo, formada pela troca de experiências entre diferentes indivíduos, em diversos meios. Na charge, a partir dos recursos verbais e não verbais, é possível perceber que a linguagem entre os dois rapazes é a representação de uma variação

- a) diatópica, referente a diferentes regiões geográficas das quais os rapazes fazem parte.
- b) histórica, já que os personagens estão representando épocas diferentes.
- c) tecnológica, que tem como base a interação por meio da internet e das redes sociais.
- d) diafásica, se da em função do contexto comunicativo, sendo a ocasião que determina o modo de interação.
- e) diastrática, pois os personagens fazem parte de classes sociais diferentes.

#### 4. Auto-Retrato Falado

Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas.

Meu pai teve uma venda de bananas no Beco

Marinha, onde nasci.

Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do chão,  
pessoas humildes, aves, árvores e rios.

Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar  
entre pedras e lagartos.

Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.

Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me  
sinto como que desonrado e fujo para o  
Pantanal onde sou abençoado a garças.

Me procurei a vida inteira e não  
me achei - pelo  
que fui salvo.

Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.

Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de  
gado. Os bois me recriam.

Agora eu sou tão ocaso!

Estou na categoria de sofrer no moral, porque só  
faço coisas inúteis.

Uma obra literária pode combinar diferentes gêneros, embora, de modo geral, um deles se mostre dominante. O poema de Manoel de Barros, predominantemente lírico, apresenta características de outro gênero, que está corretamente identificado em:

- a) injuntivo, pois apresenta linguagem objetiva e clara, com verbos no infinitivo.
- b) descritivo, conta uma história de maneira caracterizadora.

- c) expositivo, não apresenta ritmo nem rimas, aproximando-se da fala.
- d) narrativo, apresenta os fatos numa sequência temporal.
- e) argumentativo, deixa claro o ponto de vista do autor sobre os fatos da própria vida.

5.

**Tempo: cada vez mais acelerado**

Pressa. Ansiedade. É a sensação de que nunca é possível fazer tudo – além da certeza de que sua vida está passando rápido demais. Essas são as principais consequências de vivermos num mundo em que para tudo vale a regra do “quanto mais rápido, melhor”. “Para nós, ocidentais, o tempo é linear e nunca volta. Por isso queremos ter a sensação de que estamos tirando o máximo dele. É a única solução que encontramos é acelerá-lo”, afirma Carl Honoré. “É um equívoco. A resposta a esse dilema é qualidade, não quantidade.”

- Para James Gleick, Carl está lutando uma batalha invencível. “A aceleração é uma escolha que fizemos. Somos como crianças descendo uma ladeira de skate. Gostamos da brincadeira, queremos mais velocidade”, diz. O problema é que nem tudo ao nosso redor consegue atender à demanda.
- Os carros podem estar mais rápidos, mas as viagens demoram cada vez mais por culpa dos congestionamentos. Semáforos vermelhos continuam testando nossa paciência, obrigando-nos a frear a cada quarteirão. Mais sorte têm os pedestres, que podem apertar o botão que aciona o sinal verde – uma ótima opção para despejar a ansiedade, mas com efeito muitas vezes nulo. Em Nova York, esses sistemas estão desligados desde a década de 1980. Mesmo assim, milhares de pessoas o utilizam diariamente.

É um exemplo do que especialistas chamam de “botões de aceleração”. Na teoria, deixam as coisas mais rápidas. Na prática, servem para ser apertados e só. Confesse: que raios fazemos com os dois segundos, no máximo, que economizamos ao acionar aquelas teclas que fecham a porta do elevador? E quem disse que apertá-las, duas, quatro, dez vezes, vai melhorar a eficiência?

- Elevadores, aliás, são ícones da pressa em tempos velozes. Os primeiros modelos se moviam a vinte centímetros por segundo. Hoje, o mais veloz sobe doze metros por segundo. E, mesmo acelerando, estão entre os maiores focos de impaciência. Engenheiros são obrigados a desenvolver sistemas para conter nossa irritação, como luzes ou alarmes cuja única função é aplacar a ansiedade da espera. Até onde isso vai?

SÉRGIO GWERCMAN  
Adaptado de [super.abril.com.br](http://super.abril.com.br).

O autor do texto aborda uma situação que diz respeito a toda a sociedade, envolvendo tanto ele como o leitor. Para isso, ele emprega uma marca linguística, que está exemplificada em

- a) “Para James Gleick, Carl está lutando uma batalha invencível”.
- b) “— além da certeza de que sua vida está passando rápido demais”.
- c) “Mais sorte têm os pedestres, que podem apertar o botão que aciona o sinal verde”.
- d) “Mesmo assim, milhares de pessoas o utilizam diariamente”.
- e) “O problema é que nem tudo ao nosso redor consegue atender à demanda”.

## ***Gabarito***

- 1.** C
- 2.** D
- 3.** D
- 4.** D
- 5.** E